

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

IIª série #20 (tomo 2) Jan. 2016

A RECONSTITUIÇÃO ARQUEOLÓGICA

uma tradução visual



**Ludi Circenses
e Aurigas Vencedores
nos mosaicos hispânicos**

**Placas de Xisto Gravadas:
o caso do Castelo de Pavia**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

**dois suportes...
...duas revistas diferentes**

**o mesmo
cuidado editorial**

al·madan

revista impressa



**Iª Série
(1982-1986)**

**IIª Série
(1992-...)**



(2005-...)

**al·madan
online**

**revista digital
em formato pdf**

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]



edições

CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Luís Barros e Jorge Raposo

Composição gráfica sobre ilustração que reconstituiu visualmente a informação arqueológica disponível sobre a *Domus* de Santiago, em Braga.

Ilustração © César Figueiredo.



II Série, n.º 20, tomo 2, Janeiro 2016

Propriedade e Edição |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

Tel. / Fax | 212 766 975

E-mail | secretariado@caa.org.pt

Internet | www.almadan.publ.pt

Registo de imprensa | 108998

ISSN | 2182-7265

Periodicidade | Semestral

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Patrocínio | Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.^a

Apoio | Neoépica, Ld.^a

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Elisabete Gonçalves
(publicidade.almadan@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Vanessa Dias,
Ana Luísa Duarte, Elisabete
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel
dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Graziela Duarte,
Fernanda Lourenço e Sónia Tchissolle

Colaboram neste número |

Marco António Andrade, Luísa Batalha,
Márcio Beatriz, Nuno Bicho, Jacinta
Bugalhão, Maria Teresa Caetano,
Guilherme Cardoso, João Cascalheira,
Fernando Augusto Coimbra, José M.

Lopes Cordeiro, Cláudia Costa, Catarina
Costeira, Ana Pinto da Cruz, Vanessa
Dias, José d'Encarnação, Miguel Feio,
César Figueiredo, Silvério Figueiredo,
Rui Ribolhos Filipe, João José F. Gomes
†, Célia Gonçalves, Susana Gómez
Martinez, António Gonzalez, Marta
Isabel C. Leitão, Marco Liberato,
Virgílio Lopes, Olalla López-Costas,
Andrea Martins, Rui Mataloto, João
Marreiros, Lara Melo, Luís Campos

Paulo, Franklin Pereira, Telmo Pereira,
Severino Rodrigues, João Maia Romão,
Raquel Caçote Raposo, Sofia Soares,
Maria João de Sousa e António Carlos
Valera

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Depois de, no anterior Tomo, ter dedicado merecido espaço à ilustração científica, no caso aplicada ao registo e interpretação patrimonial de um dos mais antigos moinhos de maré do estuário do Tejo, a *Al-Madan Online* volta ao tema.

Agora, apresenta-se uma reflexão da sua aplicação à reconstituição de contextos e estruturas arqueológicas, traduzindo visualmente o estado do conhecimento que deles dispomos, numa mediação criativa entre a Ciência e os diferentes públicos. Entre os vários exemplos de aplicação, destaca-se a espectacular modelação 3D da Lisboa romana (*Olisipo*) que muitos já terão tido a felicidade de ver, nomeadamente na exibição do documentário sobre o fundeadouro recentemente descoberto no subsolo da frente ribeirinha desta cidade (filme realizado por Raul Losada, com uma contribuição muito importante deste projecto gráfico de César Figueiredo).

Outros estudos desenvolvem matérias relacionadas com o mesmo período histórico, ao tratar as então muito populares corridas de cavalos através da sua representação nos mosaicos tardo-romanos da Hispânia, ou as cerâmicas de verniz negro recolhidas nas mais recentes escavações arqueológicas do Teatro Romano de Lisboa, que atestam a integração da cidade nos sistemas de circulação de pessoas e de bens que já a ligavam à Península Itálica e ao mundo mediterrânico nos séculos II-I a.C. Mas, a propósito de um conjunto de placas de xisto gravadas provenientes do povoado calcolítico do Castelo de Pavia (Mora), há também uma reflexão sobre a presença, em contextos habitacionais, de materiais normalmente associados a práticas funerárias pré e proto-históricas. Outros autores abordam a produção de cerâmica vidrada em Alenquer, durante o século XVI, e integram essa actividade no plano mais geral da olaria coetânea na região do baixo Tejo. Por fim, a secção completa-se com a problemática da História militar medieval e da guerra de cerco, a propósito da conquista da cidade islâmica de Silves por D. Sancho I, em 1189, com o apoio de cruzados que se dirigiam à Terra Santa. Num plano patrimonial mais geral, dá-se a conhecer a oficina artesanal de Manuel Capa e dos seus filhos José e Carlos, em Tibães (Braga), especializada na reprodução das ferramentas usadas para trabalhar o couro, no domínio de artes ornamentais que remontam ao século XV. E não são esquecidos os vestígios da presença islâmica no nosso território, evidenciados por porta reconhecida na adaptação do antigo Convento de Nossa Senhora de Aracoeli a pousada, em Alcácer do Sal, nem o primeiro templo cristão construído em Albufeira, no século XIII ou em data anterior, destruído pelo terramoto de 1755 e agora realocado por intervenção arqueológica que também recorreu a técnicas de Arqueologia da Arquitectura. Notícias diversificadas dão conta de trabalhos e projectos recentes de natureza muito diversificada e, a terminar, reúne-se um amplo conjunto de comentários e balanços a eventos científicos e patrimoniais de âmbito nacional e internacional, consolidando a *Al-Madan Online* como veículo privilegiado para a rápida mediação e promoção do diálogo interdisciplinar e da Cultura científica. Como sempre, votos de boa leitura!...

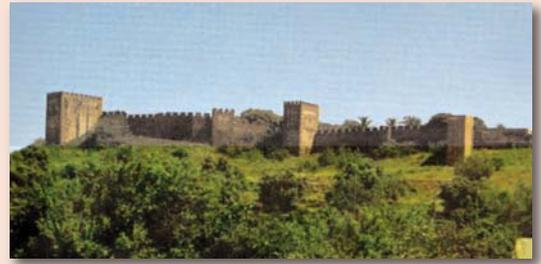
Jorge Raposo

EDITORIAL ...3 ▶

ESTUDOS



A Reconstituição
Arqueológica: uma
tradução visual |
César Figueiredo...6 ▶



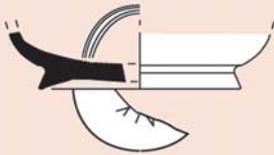
Guerra de Cerco (Silves) |
Lara Melo...64 ▶

Ludi Circenses
e Aurigas Vencedores nos
Mosaicos Hispânicos |
Maria Teresa Caetano...14 ▶



PATRIMÓNIO

Nos Bastidores de um
Ofício: as ferramentas
para trabalhar o couro da
oficina de Manuel Capa
(Tibães, Braga) |
Franklin Pereira...73 ▶



A Cerâmica Campaniense
do Teatro Romano de Lisboa |
Vanessa Dias...34 ▶



A Porta Muçulmana da
Alcáçova de Alcácer do Sal |
Marta Isabel Caetano
Leitão...80 ▶

Placas de Xisto Gravadas em
Contexto de Povoado: o caso
do Castelo de Pavia (Mora) |
Marco António Andrade,
Catarina Costeira e Rui
Mataloto...43 ▶



A Igreja de Santa
Maria de Albufeira |
Luís Campos Paulo...86 ▶



Produção Oleira Renascentista na Bacia
Hidrográfica do Baixo Tejo: a produção de cerâmicas
vidradas em Alenquer, durante o século XVI |
Guilherme Cardoso, João José Fernandes Gomes †,
Severino Rodrigues e Luísa Batalha...54 ▶



NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

ICArEHB - Centro Interdisciplinar de Arqueologia e Evolução do Comportamento Humano: um novo polo de investigação arqueológica | Cláudia Costa, Célia Gonçalves, João Cascalheira, João Marreiros, Telmo Pereira, Susana Carvalho, António Valera e Nuno Bicho...98 ▶



Balas, Botões e Fivelas: intervenção arqueológica no Campo de batalha do Vimeiro | Rui Ribolhos Filipe...101 ▶

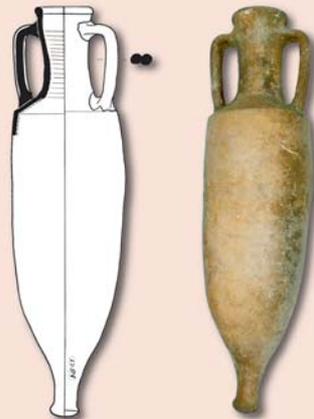


Pelourinho de Vila Verde dos Francos (Alenquer): formatos antigos, novos usos - um caso de reaproveitamento | Raquel Caçote Raposo...106 ▶



Vestígios da Presença Templária no Castelo dos Mouros: uma laje epigrafada com a Cruz de Cristo | António Gonzalez, Márcio Beatriz, João Maia Romão e Maria João de Sousa...108 ▶

Ânfora Romana Dressel 2-4 Recolhida ao Largo do Cabo Espichel | Guilherme Cardoso e Severino Rodrigues...110 ▶



EVENTOS

Lusitânia Romana, Origem de Dois Povos: tema de congresso internacional | José d'Encarnação...111 ▶

INCUNA 2015: XVII Jornadas Internacionais de Património Industrial | José Manuel Lopes Cordeiro...114 ▶

Workshop Paleodiet meets Paleopathology: using skeletal biochemistry to link ancient health, food and mobility | Olalla López-Costas...117 ▶

I Congresso Internacional As Aves na História Natural, na Pré-História e na História: um balanço final | Silvério Figueiredo, Fernando Augusto Coimbra e Miguel Feio...119 ▶

XIX International Rock Art Conference | Andrea Martins...120 ▶

Simpósio de Materiais Líticos em Barcelona | Sofia Soares...122 ▶

XIII Congresso da Association Internationale pour l'Étude de la Mosaique Antique | Virgílio Lopes...123 ▶

XI Congresso Internacional sobre a Cerâmica Medieval no Mediterrâneo | Susana Gómez Martinez e Marco Liberato...124 ▶

Arqueologia em Lisboa: mesa-redonda e encontro | Jacinta Bugalhão...125 ▶

2ª Mesa-Redonda Peninsular Tráfego de Objectos | Ana Pinto da Cruz...127 ▶

II Fórum sobre Património Natural, Etnográfico e Arqueológico | Ana Pinto da Cruz...128 ▶

Colóquio PRAXIS IV | Ana Pinto da Cruz...128 ▶

Simpósio Fusis Φυσις: o ser humano e os mistérios da Vida, da Morte e do Céu | Ana Pinto da Cruz...129 ▶

Colóquio Internacional Enclosing Worlds | António Carlos Valera...130

Lisboa 1415 Ceuta: história de duas cidades | Jacinta Bugalhão...132 ▶

Lusitânia Romana, Origem de Dois Povos

tema de congresso internacional

José d'Encarnação

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Organizado pelo Museu Nacional de Arte Romano, com o patrocínio da Dirección del Festival de Teatro Clásico, realizou-se, em Mérida, a 18 e 19 de Setembro de 2015, um encontro internacional em que se abordou o tema: a Lusitânia romana, na origem de dois povos.

Fora esse, aliás, o tema da exposição, patrocinada pela Consejería de Educación y Cultura del Gobierno de Extremadura, a que se deu o mesmo nome e que, inaugurada nesse museu a 23 de Março, se daria por encerrada a 30 de Setembro, para vir a ser apresentada em Lisboa, no Museu Nacional de Arqueologia (onde está desde 25 de Janeiro de 2016).

Presidiu ao congresso o director do Museu Nacional de Arte Romano, Prof. Dr. José María Álvarez Martínez, comissário da mostra, juntamente com o Doutor Carlos Fabião e o Dr. António Carvalho, director do Museu Nacional de Arqueologia.

Foram convidados a participar os autores dos textos do bem organizado catálogo da exposição. A ideia seria a apresentação do que haviam escrito, uma vez que a linguagem oral permite, em reunião de especialistas e para um público interessa-

do (diga-se desde já que o auditório do museu esteve sempre muito bem preenchido!), acentuar aspectos inovadores e mais interessantes. E assim aconteceu, porque todos os oradores compreenderam o desafio e as imagens com que foram acompanhando o seu discurso complementaram eficazmente o panorama já mui sugestivamente traçado no catálogo.

Os trabalhos iniciaram-se a meio da tarde do dia 18, numa sessão que contou com a presença de Miriam García Cabezas, Secretária General de Cultura de la Junta de Extremadura, arqueóloga ela também, que se congratulou com a iniciativa, saudou os participantes e teceu as naturais considerações acerca da importância dos estudos arqueológicos como fomentadores de uma cidadania alimentada pelas raízes do passado. José María Álvarez Martínez, a abrir a sessão, não deixara, aliás, de sublinhar o objectivo primordial da exposição e do encontro: reflectir sobre um passado comum.

Foi o Doutor Amílcar Guerra, professor associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, quem apresentou “La mirada del outro”, o

primeiro painel da exposição, em que se procurou mostrar como os indígenas haviam reagido perante uma nova cultura e as novas ideologias político-religiosas.

O Doutor Manuel Salinas de Frías, catedrático de Historia Antigua da Universidade de Salamanca, subordinou a sua intervenção ao tema do 2º painel: “El contacto. El impacto de la presencia romana en Lusitania”. Abordou-se, pois, o que foram as guerras e a consequente organização territorial, mediante a promoção de algumas cidades indígenas, prováveis fundações de César – *Scalabis*, *Metellinum* e *Norba Caesarina*, por exemplo –, e a colonização propriamente dita, no final da República, correspondendo “ao estabelecimento, nesses territórios, de um número indeterminado, mas percentualmente importante, de população itálica, com a sua língua, costumes e formas de se organizar”. “Myrtilis e Salacia”, acentuou, “tinham uma história anterior ligada ao comércio colonial atlântico e gozavam do direito latino, provavelmente desde a época de César”.

Coube ao Doutor Patrick Le Roux, catedrático emérito de História Antiga da Universidade de Paris XIII, falar da “Lusitania provincia: las primeras épocas (de Augusto à morte de Calígula)”. Começou por salientar – como tem sido sua preocupação nos últimos trabalhos que vem publicando – aspectos metodológicos, frisando que as mudanças de perspectiva historiográfica ocorridas nos últimos 60 anos mostram que uma história dos aspectos político-administrativos ainda mantém actualidade. Assim, é possível repensar a história das províncias romanas, nomeadamente a da Lusitânia, cuja promoção se fez dentro do novo dispositivo posto em prática pelo imperador Augusto, sem a enquadrar em modelos ditos coloniais, nacionais ou imperialistas. Uma análise do contexto político e militar de então permite-nos compreender melhor o que foi o estabelecimento de uma província inteiramente nova “nas suas dimensões, composição territorial e modos de governação”. E como “uma província não nasce do dia pa-



FIG. 1



FIG. 2 – Mesa da sessão de abertura.

ra a noite”, os testemunhos epigráficos (de *Igaedis, Aritium Vetus*, Arronches e Viseu, entre outros) dão-nos a possibilidade de, sem esquecer os dados arqueológicos e os seus contextos, nos apercebermos melhor dos “ritmos da construção provincial”. Para Le Roux, “a Lusitânia constituiu-se como uma normal província à beira-mar, foi organizada sem qualquer distinção ou indicio de inferioridade e pode ser colocada no mesmo plano que a Aquitânia, por exemplo”. E Mérida, se não assumiu logo funções de capitalidade, deteve, porém, ao longo do tempo, importante papel como garantia da “tranquilidade do imperador e das populações”.

O Doutor Vasco Gil Mantas, professor auxiliar aposentado da Universidade de Coimbra, abordou, de seguida, um tema que é da sua predileção – a rede viária e a rede urbana na Lusitânia –, dando conta como Roma, para melhor conseguir os seus objectivos administrativos e económicos, estabeleceu cidades, é certo, mas procurou de imediato consolidar as comunicações entre elas.

Estava, pois, aberto o caminho para o Doutor José Carlos Saquete Chamizo, do Departamento de Historia Antigua da Universidade Hispalense, que deu à sua comunicação o título de “La fundación de *Augusta Emerita* y su impacto entre los Lusitanos”, na sequência do que Patrick Le Roux assinalara. Interessou-se, de modo especial, por reflectir sobre qual o estatuto jurídico outorgado às “gentes lusitanas que habitaban previamente en el territorio que fue asignado a *Emerita*”, opinando que, mui provavelmente, “la mayoría fueron integrados como incolae, aunque algunos miembros de la elite podrían haber recibido la ciudadanía romana”. *Emerita* terá, naturalmente, exercido forte poder de atracção para os membros do escol provincial, onde o culto a Augusto e a outros imperadores divinizados serviu de trampolim para quem almejasse cargos maiores.

No dia 19, o Doutor Thomas Schattner, membro do Instituto Arqueológico Alemão, de Madrid, abordou o tema “La ciudad entre la tradición indígena y el modernismo romano. Reflexiones para una nueva experiencia para los Lusitanos”. Ou seja, voltámos a olhar para a cidade, mas na sua estrutura, interrogando-nos sobre quais terão sido as linhas de força do povoamento romano: a cidade romana introduziu um novo modelo de convivência cívica, que é preciso não olvidar; no seu planeamento (ortogonal ou de acordo com as condições do terreno) não foi menosprezada a necessidade de deixar evidentes marcas de poder, de harmonizar “arquitectura y paisaje, tamaño y jerarquía” e de se terem em conta as questões relacionadas com a circulação e o tráfico.



FIG. 3 – Panorama da assistência.

O tema escolhido pelo Doutor Virgílio Hipólito Correia, director do Museu Monográfico de Conímbriga – “Vivir y morir en sociedad en Lusitania romana” – proporcionou uma abordagem já mais filosófica, digamos assim, existencial, porque procurou dar respostas a cinco questões: “*Quem sou? O que sou? Onde vivo? Como estou? E no fim?*”. Interrogações cujas propostas de solução se estribaram, por exemplo, na análise de como a arquitectura doméstica (foi aduzido o testemunho dos dados colhidos em *Conimbriga*) pode reflectir tais preocupações. Sublinhou-se a contribuição dos monumentos epigráficos daquela cidade na tentativa de se identificar a esperança média de vida ou o papel da mulher na sociedade. E se este último aspecto é, na verdade, digno de nota e essas epígrafes deixam transparecer o papel relevante da mulher, já uma tentativa estatística oferece debilidades, atendendo ao diminuto número de epígrafes e, sobretudo, tendo em conta que podem ser muito diversas as intenções que se têm quando se erige um monumento funerário ou os sentimentos nele subjacentes.

O Doutor Jonathan Edmondson, ainda que vindo de paragens bem longínquas – é catedrático de História Antiga na Universidade de York (Ontário, Canadá) –, quis estar presente, pois muito tem estudado a Hispânia Romana, designadamente a Lusitânia e, de modo especial, do ponto de vista da sua economia. Por isso, o seu contributo intitulou-se “Los recursos económicos de la Lusitania romana y los modos de producción”. Questões que abordou: a visão da produção económica na Antiguidade, conforme pode ler-se nas obras de Políbio, Estrabão e Plínio-o-Antigo, informações a cotejar com os testemunhos arqueológicos detectados tanto em sítios rurais como urbanos; os recursos marinhos: sal, peixe e preparados de peixe (*garum, liquamen*, etc.); os recursos mineiros: os *metalla* (de que Aljustrel continua a ser paradigma), as pedreiras de mármore, a exploração de minérios de ouro e de prata, mas também de cobre e estanho, ocupando a Lusitânia, neste pon-

to de vista, papel preponderante. Tempo ainda para se assinalar a existência, documentada, de formas de produção diversificadas, desde um regime de auto-suficiência, mormente a nível familiar, até aos latifúndios e aos domínios imperiais.

Coube ao Doutor Carlos Fabião, professor associado na Faculdade de Letras de Lisboa, traçar uma panorâmica do que poderia ter sido a Lusitânia no contexto da globalização romana, aplicando-se o vocábulo – hoje de moda... – para significar os intercâmbios havidos entre as diversas partes do Império e mesmo “*con más remotas regiones totalmente ajenas al Imperio, como la China, de donde llegaban las sedas, el subcontinente indio, con sus exquisitas especias, o el Báltico, fuente del apreciado ámbar*”. Os dados cerâmicos são, neste contexto, sobejamente comprovativos dessas relações, de modo que, a terminar, Carlos Fabião pôde afirmar que “*después de la conquista de Britania, Lusitania se volvió un lugar de paso importante para las comunicaciones entre el Mediterráneo y el Atlántico, que no era ya el fin del mundo sino un mar igualmente romano*”.

Coube ao Doutor Francisco Germán Rodríguez Martín, membro do Grupo de Investigación “Lusitania”, debruçar-se sobre o tema das “*villae como testimonio emblemático del mundo rural romano*”, no que foi acompanhado pelo Dr. António Carvalho, que se referiu, mais especificamente, ao caso da *villa* de Quinta das Longas (Elvas), cuja escavação dirigiu. Os autores optaram por um discurso novo em relação ao que fora publicado no catálogo. Assim, começaram por actualizar os conhecimentos acerca da “*realidad del ámbito rural lusitano*”. Distinguiram os modelos de ocupação rural identificáveis nos três *conventus* e, dentro de cada *conventus*, procuraram analisar, de forma pormenorizada, as duas grandes realidades territoriais: a costa e o interior, no *conventus Pacensis* e *Scallabitanus*, e a bacia do Guadiana e o interior, no *Emeritensis*. Análise que complementaram com a alusão às actividades produtivas (azeite, vinho, salga de peixe, etc.) e à existência

de unidades rurais secundárias. A arquitectura de grandes *villae* como São Cucufate, Quinta das Longas, Torre Águila, Freiria e outras, permitiu deduzir como se fizera para o mundo rural a transposição dos modelos arquitectónicos urbanos. Tive ensejo, por meu turno, de traçar, em pinceladas largas, o que ultimamente se tem reflectido acerca do significado das manifestações religiosas, consubstanciadas, de modo particular, nas epígrafes dedicadas às divindades indígenas, às divindades ditas “clássicas” do panteão romano, ao imperador imbuído de espírito divino (designadamente quando proclamado *divus*, após a morte) e às divindades ditas “orientais”. Creio dever sublinhar três aspectos:

– Em primeiro lugar, a confirmação dada pelos dois ex-votos de Alcains de que existiu uma ligação íntima, mesmo do ponto de vista da nomenclatura, entre as pessoas integradas na *gentilitas* e a divindade que designavam para sua protectora (neste caso, *Polturus* da *gentilitas Polturiciorum* a prestar culto a *Asidia Polturicea*);

– Depois, o facto de uma dedicatória como a de Viseu vir “assinada” por uma só pessoa tal não denuncia, obrigatoriamente, um acto isolado, não-oficial; neste caso, a meu ver, *Albinus Chaereae filius* nada mais foi do que o porta-voz, o promotor do que fora um desiderato comum;

– Finalmente, a exemplo do que acontece com organizações associativas nossas contemporâneas, o objectivo oficial – ainda que de índole religiosa – mascara a necessidade de se criarem laços capazes de ter, em bloco, intervenção político-económica; não é, pois, inocentemente que os cultos romanos que exigiam iniciação tenham membros predominantemente recrutados no escol dos libertos da cidade...

O tema a deitar luz sobre “La lenta transformación” ocorrida na transição para a Idade Média foi tratado, no começo da tarde de sábado, pela Doutora María Cruz Villalón, catedrática de Arte da Universidade da Extremadura (Cáceres). Desde o século III que se apercebia a tendência para uma mudança dos padrões estéticos, com o progressivo desaparecimento da imagem e o encarar da realidade de um prisma mais eivado de religiosidade, na medida em que já se fazia sentir maior convivência com o Cristianismo, tendência que desembocará, já no século VI, com “*uma criação unicamente dedicada à religião cristã*”. Para melhor se compreender esse processo de transformação, a Doutora María Cruz Villalón referiu, como exemplos, Mérida e Mértola, assim como os mosaicos e a iconografia patentes nas *villae* tardo-romanas da Lusitânia, até à época visigoda,



FIG. 4 – Os três comissários na sessão de encerramento.

quando se assiste à “adição de basílicas”, como foi o caso de Torre de Palma ou de Casa Herrera.

Da equipa do Museo Nacional de Arte Romano, o Dr. José Luis de la Barrera Antón deu conta, em seguida, do que foi a monumentalização dos centros urbanos, entendendo-se por “monumentalização” a introdução de imóveis com alguma imponência arquitectónica e vasto significado político, nas urbes privilegiadas da província, com especial menção à de *Augusta Emerita*, desde os primórdios da criação da Lusitânia até finais do século I d.C. Particular atenção dedicou ao denominado “foro provincial” e ao grande templo que ora se considera ter sido erigido, seguindo padrões metropolitanos, pelo governador provincial *L. Fulcinius Trio*. Nem sempre, porém, a adopção de modelos foi imediata, porque se registou a natural dificuldade em “*asimilar un vocabulario que resultaba novedoso*”.

Coube à Dra. Trinidad Nogales Basarrate, agora de novo regressada à equipa do Museo Nacional de Arte Romano, sintetizar os resultados da longa investigação que tem levado a cabo no âmbito da escultura. Tem a escultura da Lusitânia uma linguagem própria? Como é que, afinal, se processou a adopção dos novos modelos que o colonizador recém-chegado necessariamente houve de mostrar? Retratos, grupos escultóricos imperiais, relevos comemorativos contribuíram, pois, para a mudança cultural que essas imagens eloquentemente transmitiam.

Por fim, os mosaicos. Deles falou a Doutora Janine Lancha, professora emérita da Universidade “Lumière” de Lyon, mostrando os exemplares mais significativos de um conjunto que pode classificar-se como deveras notável: entre outros, o mosaico do Oceano de Faro, os mosaicos de temática marinha da *villa* de Milreu, o mosaico das Musas de Torre de Palma... Mereceu-lhe particular atenção o extraordinário mosaico cosmológico de Mérida, cuja originalidade iconográfica e pictórica salientou, de modo especial “do

ponto de vista do uso da cor nos fundos dos três registos do mosaico, quase um unicum no Ocidente”, o que demonstra, em seu entender, “*a origem oriental do mosaicista que realizou esta obra-prima*”. Demorou-se ainda na análise do mosaico com cena épica da Casa da *Domus* da Medusa, de Alter do Chão, opinando que não são convincentes as interpretações já adiantadas – o encontro final entre Eneias e o rei dos Rútulos ou a entrevista entre Alexandre e o rei persa Poros, nas margens do Hydaspe –, pelo que mais aturada investigação se há-de fazer nesse sentido.

Os três comissários da exposição tiveram, na sessão de encerramento do Congresso, palavras de agradecimento e de congratulação pelos objectivos alcançados.

Pelas 20 horas, fez-se a comemoração do XXIX Día do Museo Nacional de Arte Romano, pois que, obra de Rafael Moneo, foi aberto ao público a 19 de Setembro de 1986. Após a intervenção protocolar do director, procedeu-se à entrega dos prémios “Genio protector de la colonia Augusta Emerita”, instituídos pela Asociación de Amigos del Museo. Receberam o galardão o Dr. António Carvalho, em nome do Museo Nacional de Arqueología, prémio justificado “*por su buen hacer y relación con el centro emeritense durante muchas décadas*”, e o Professor Patrick le Roux, “*por sus relevantes estudios sobre la colonia Augusta Emerita y la formación de la provincia de Lusitania*”. O elogio ao trabalho desenvolvido pelo Museo Nacional de Arqueología foi feito pelo Doutor José María Álvarez Martínez e coube ao presidente da Asociación de Amigos, Rafael Mesa, realçar o perfil do Professor Le Roux. Ambos agradeceram com emoção.

Ainda na mesma sessão se procedeu, pela Dra. Trinidad Nogales, à apresentação das *Actas del XVIII Congreso Internacional de Arqueología Clásica*, realizado em Mérida (Maio de 2013). E as autoridades presentes no acto tiveram palavras de apreço pela iniciativa. ❧

al-mada-ma

online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]